

Editorial

Lennyse Teixeira Bandeira¹

Milena Rosa Araújo Ogawa²

Recebido em 20 de março de 2025.

Aceito em 30 de junho de 2025.

A pesquisa em História Antiga e Medieval vem se fortalecendo de forma expressiva em todo o território brasileiro, impulsionada por iniciativas que ultrapassam as fronteiras regionais. A partir de importantes centros universitários, como as Universidades Estaduais, Federais e os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e com o apoio fundamental de instituições como a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), os Grupos de Trabalho da Associação Nacional de História (ANPUH), laboratórios e redes colaborativas, se observa a consolidação de um campo cada vez mais articulado e dinâmico. Congressos, periódicos especializados, *podcasts* e espaços contínuos de diálogo acadêmico têm alimentado uma rica troca de experiências, fruto do esforço incansável de docentes e pesquisadores que, com coragem e compromisso, demonstram que é plenamente possível produzir uma historiografia sólida e crítica sobre o mundo antigo e medieval no Brasil.

Os trabalhos reunidos neste dossiê com temática livre, refletem a qualidade da produção em História Antiga e Medieval no Brasil e no mundo afora, revelando uma multiplicidade de temas, fontes e métodos. Das análises

¹ Professora Substituta da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). Doutora em História Comparada (PPGHC/UFRJ). Vice Coordenadora do Núcleo de Estudos Multidisciplinares de História Antiga e Medieval (NEMHAM). Email: lennysebandeira@ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1704-2453>.

² Professora no Departamento de Metodologia do Ensino da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), coordenadora do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga (LECA-Unipampa), e coordenadora do GTHA-Anpuh/RS, para a gestão 2024-2026. Doutora em História (PPGH-UFPel/Universidade de St. Andrews). E-mail: ogawa_milena@hotmail.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4919-5422>.

filológicas e políticas de textos antigos às reflexões sobre a Filosofia medieval, a normatividade bélica, os mitos clássicos e sua recepção, se delineia um campo de pesquisa que atravessa fronteiras disciplinares e investe em leituras críticas e interpretativas densas.

A seguir, apresentamos os artigos que integram este dossiê. **Douglas de Castro Carneiro** e **Pedro Paulo Abreu Funari** em *Nem judeu e nem grego: construções das identidades étnicas na epístola aos gálatas* investigam as fronteiras e identidades na epístola de Paulo de Tarso aos Gálatas no governo de Nero (54 d.C.-68d.C.), tendo em vista a compreensão das relações entre judaísmos, dos helenismos, dos cristianismos, principalmente como esta *ekklēsiai* foi compreendida ao leste do mediterrâneo.

Eduardo Belleza Abdala Miranda em *A Relação do Codex Theodosianus com Perspectivas Cristãs e Pagãs no Império Romano* procura identificar aspectos cristãos e pagãos no Codex Theodosianus a partir das normas do imperador Juliano, com o intuito de perceber rupturas e permanências em sua estrutura documental. Enquanto adquirir normas que favorecem aos cristãos, perceberemos que o código mantém antigas estruturas ditas “pagãs”, presentes nas leis de Juliano, que sustentavam a centralidade do poder imperial.

Fernando Pereira dos Santos em “*Refrear o ímpeto pela batalha*”: a recusa inglesa em combater na guerra dos cem anos, propõe analisar como, nas décadas finais da Guerra dos Cem Anos, se formaram diferentes interpretações morais e normativas a respeito da recusa dos guerreiros ingleses em participar de batalhas. A partir de registros e reflexões de leigos e religiosos, o autor identifica um dilema central sobre a licitude de um combatente evitar deliberadamente o confronto. O estudo investiga dois polos interpretativos presentes na época. De um lado, a recusa ao combate era considerada ignóbil e contrária aos princípios do bom governo da guerra; de outro, era entendida como uma atitude legítima, amparada pelos próprios códigos morais e normativos do período. Nesse sentido, o autor busca compreender como esses discursos foram formulados e articulados no contexto do pensamento moralizante acerca do fazer bélico no período.

Jair Fernando Alves da Silva em *Os fundamentos filosóficos da sociedade medieval: entre a síntese agostiniana e a escolástica tomista* examina a inter-relação entre a Filosofia e a sociedade medieval, destacando como os principais pensadores e correntes filosóficas moldaram e foram moldados pelas estruturas culturais, políticas e religiosas da época. Com ênfase em Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e Guilherme de Ockham, explora-se a síntese entre fé e razão, o conceito de lei natural e as transformações sociais que influenciaram o pensamento filosófico e a organização social medieval. Além disso, analisa-se o impacto das universidades, do intercâmbio cultural e das crises políticas na consolidação da Filosofia medieval.

José Roberto de Paiva Gomes em *Os Pisistrátidas e o desenvolvimento do ciclo oikistes como alternativa de poder em Atenas (VI a. C.)* propõe analisar como os Pisistrátidas, Pisístrato e seus filhos Hiparco e Hípias, ao assumirem a tirania em Atenas no século VI a.C., desenvolveram uma nova lógica de poder econômico baseada no comércio marítimo. Rompendo com a agricultura tradicional, os tiranos implementaram uma rede de conectividade marítima com o noroeste do mar Egeu, o que impulsionou o comércio de grãos, metais e madeira.

Laís Ribeiro e Pedro Vieira da Silva Peixoto em *Usos de Boudica: uma análise da recepção da líder bretã no séc. XIX e sua associação à rainha Vitória* analisam a personagem Boudica, comparando sua representação na Antiguidade, a partir das obras de Tácito (séc. I-II), e a sua recepção no séc. XIX, através do monumento construído por Thomas Thornycroft, refletindo a relação desta com o Império Britânico da Rainha Vitória.

María Cecilia Colombani em *Entre la tierra y el mar. La construcción identitaria de los varones mortales* propõe uma reflexão sobre a relação de Hesíodo com a água. Detém-se em *Trabalhos e Dias* por ser o poema que trata de forma definitiva o tema, embora ressalte que, na *Teogonia*, a presença da água também se mostra relevante. A associação da água ao mar está atestada em dois momentos principais. Em primeiro lugar, ao evidenciar a preferência pela terra firme diante da incerteza representada pelo mar; em segundo lugar, ao

apresentar uma série de conselhos aos homens mortais sobre a fabricação e a proteção de utensílios relacionados ao mar.

Maria de Fátima Silva em *Ser mortal perante os deuses e mulher perante o homem. Domínio, submissão, resistência* propõe uma leitura dos temas de “domínio, submissão e resistência” a partir do mito de Meleagro, destacando os diversos fatores de tensão que os atravessam, como a *hybris* humana, o *phthonos* divino e as construções sociais de gênero. Ao acompanhar a presença desse mito na tradição literária grega, com passagens significativas em Homero e Baquilides, a autora evidencia sua difusão e permanência. Contudo, é na tragédia fragmentária *Meleagro*, de Eurípides, que ela identifica um redimensionamento expressivo do tema, com ênfase na agência feminina. A análise dos fragmentos conservados revela-se, assim, importante para compreender o papel da mulher dentro das dinâmicas de poder presentes no mito.

Por fim, agradecemos às autoras e aos autores que confiaram na *Revista* para divulgar suas pesquisas, e convidamos o público para a leitura desses artigos.

Desejamos uma excelente leitura!